

Rosemary dos Santos

Redes em construção: *Fios e nós de uma formação docente*



Fig 1. Rede colaborativa

Memorial apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como requisito parcial para o processo de seleção do Doutorado em Educação.

Sumário

1. Introdução	3
2. Navegar é preciso.....	5
3. Explorando outras ilhas	8
4. Rumo a novas rotas	16
5. Criando outras redes	18
6. Considerações Finais	19
Referências	20
Termo de compromisso	21

Índice de figuras

Figura 1. Rede colaborativa.....	2
Figura 2. A ilha desconhecida.....	4
Figura 3. Com a turma do Jardim de Infância.....	6
Figura 4. Com a turma de Alfabetização.....	7
Figura 5. A conversa antes do início das aulas no laboratório.....	9
Figura 6. A pesquisa colaborativa com os alunos	11
Figura 7. Alunos Jovens e adultos estudando no laboratório.....	12
Figura 8. A minha turma de pós-graduação – EDAI 2008.....	13
Figura 9. GPDOC: Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura.....	14
Figura 10. Apresentação do artigo no Seminário: Os outros como legítimo OUTRO.....	15
Figura 11. A defesa do Mestrado.....	17

1. Introdução

Até aqui eu cheguei!
J. Saramago

Este memorial, escrito sob as lentes do paradigma da complexidade, é conduzido pela ressignificação do conto “A ilha desconhecida” de José Saramago, com o objetivo de fazer um relato crítico-reflexivo sobre a minha itinerância acadêmico-profissional. Além disso, a complexidade dos fenômenos que envolvem uma viagem para uma ilha desconhecida reflete minha visão sobre nossas rotas escolhidas e, de certa forma, direciona minhas escolhas quando me apoio nesta busca, porque a busca necessita de empreendimento, de sensibilidade, de experiência e de formação para ser compreendida.

O conto da ilha desconhecida

Um homem vai ao rei e lhe pede um barco para viajar até uma ilha desconhecida. O rei pergunta-lhe como pode saber que essa ilha existe, já que é desconhecida. O homem argumenta que assim são todas as ilhas até que alguém desembarque nelas. *Quem é esse que quer saber quem é quando na ilha estiver? E que ilha desconhecida é essa?* (p.5) Esse homem deseja chegar a lugar algum - lugar desconhecido por isso sabe aonde ir, mas não quando irá chegar.



Fig. 2 A ilha desconhecida

A partir desse conto, percebemos a busca do conhecimento e da compreensão de si, onde existem regras que entram em contradição com sonhos e aspirações mais profundas, que poderão

concretizar-se pela possibilidade de ação do narrador que é o agente da sua própria transformação.

Será possível cartografar o devir? Cartografar forças, movimentos, o por vir... *Quero falar ao rei* (p. 1): pedir para dialogar com o rei, ao invés de pedir algo ao rei. Insistir, subverter, forjar, criar, ir ao encontro. É o descobrir-se em meio a uma jornada repleta de bifurcações e caminhos desafiadores.

A cada dia, exploro caminhos inéditos numa cartografia, como um método a ser praticado e não um método a ser aplicado como nas minhas experiências de construção de saberes no contexto da minha formação. “*Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse, Queres dizer que chegar sempre se chega,...*” (p.27).

2. Navegar é preciso

No conto de José Saramago, o homem está imbuído de uma aspiração quando, obstinadamente, enfrenta todas as dificuldades interpostas para buscar suas questões sobre a vida. Essa forma de agir o possibilita experienciar a dinâmica relacional vivida no processo de apropriação e de reinvenção (CERTEAU, 2003) das suas práticas e dos sentidos dessa atuação, bem como tenta estabelecer relações e diálogos às vivências produzidas nestes *espaçotempos*¹. Insiste junto ao rei para que sua solicitação seja atendida:

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou [...], Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu lhe pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida (p.16-17).

¹ Adotamos o uso dos termos *espaçotempos*, *fazeressaberesfazeres*, *dentrofora* escritos de forma diferenciada, pois nos inspiramos no referencial teórico de Alves (2008) sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para a autora: “A junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são “normalmente” enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade.” (ALVES, 2008, p.11)

Os caminhos por mim percorridos estavam, de certa maneira, entrelaçados e o trajeto percorrido formou uma teia complexa. As condições iniciais para a formação dessa teia foram extremamente favoráveis na minha itinerância formativa. Elas podem ser traduzidas no meu entusiasmo durante as aulas nas séries iniciais que, mais tarde, passou a ser meu local de trabalho. Além disso, encontrava nos professores uma grande motivação², uma chama incessante de ensinar. Não houve desvio de rota tampouco imprevisibilidade. Inspirava-me nos meus professores.

Aos dezessete anos, após concluir o curso de Formação de Professores, recebi diversos incentivos de colegas de classe e de professores que me encorajavam a ingressar na carreira do magistério. O ano era 1984. Comecei então a lecionar em pequenas escolas de Jardim de Infância e Alfabetização. O trabalho com crianças em período de Alfabetização era desafiador para mim, principalmente porque muitas coisas que vivenciamos na escola não são ensinadas no curso de formação de professores: como cuidar de crianças que vão para as escolas mal alimentadas, que sofrem maus tratos dos pais, que trabalham antes e depois da escola, etc.

Encontrar-se com o mar e com o barco: eles ensinam a arte de navegação. E também o céu, o vento... O que há para se aprender ao navegar? Como se aprende a navegar? Navegando. *“Sempre tive a ideia de que para a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o barco, e o céu, estás a esquecer-te do céu”? Sim, claro o céu, os ventos, as nuvens, o Céu... (p.8-9)*



Fig. 3 Com a turma do Jardim de Infância

² Crônica: O dia em que descobri que nasci professora, escrita em homenagem aos meus professores do Ensino Fundamental e principalmente à minha primeira professora Dona Maria de Lourdes. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0075.html>

Atuando como professora das séries iniciais o meu grande desafio era encontrar metodologias para que aquelas crianças pudessem aprender a ler e a escrever. No ano seguinte já trabalhando e podendo sustentar-me resolvi fazer uma faculdade e fui aprovada para o curso de Português/Literaturas na FEUDUC, no Município em que morava. Em 1993 fui aprovada para o concurso público como professora do Ensino Fundamental concorrendo com quase 3 mil candidatas e ficando com a 1ª colocação neste concurso.

Em 1993, trabalhando com duas turmas de alfabetização indicadas pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias com alunos em defasagem série/idade, pude dedicar-me a criar novas metodologias de alfabetização. Para tanto, eu usava embalagens vazias de produtos, bricolava vários métodos de alfabetização e visitava os alunos em suas casas com o objetivo de entender porque eles tinham tanta dificuldade de aprender. Ao final do ano letivo todos os alunos foram alfabetizados.

Entusiasmada com os resultados, resolvi inscrever-me no Projeto de Alfabetização do Governo Federal (MEC) que procurava conhecer propostas pedagógicas inovadoras de professores que atuavam na Alfabetização. Fiquei com o 1º lugar com projeto “*Por Uma Ação Libertadora*”, um relato de experiência sobre a minha prática com a Alfabetização.



Fig. 4 Com a turma de Alfabetização

Esse prêmio deu-me entusiasmo a fazer outra faculdade, agora com foco na Pedagogia. E em 1994 resolvi fazer o curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Na faculdade de Pedagogia pude compreender como as questões sobre formação de

professores, currículo e metodologias de ensino faziam emergir os sentidos da formação em educação. Procurei durante todo o curso tecer reflexões sobre quais eram as contribuições das teorias pedagógicas, e histórico-criticas na formação de professores. (...) *os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declaram que ilhas por conhecer é coisa que se acabou desde há muito tempo.* (p.11)

Compreendi que o marinheiro se faz no mar. É no mar. O des-descobridor se faz na descoberta. Estava em constante aprendizagem dentro da sala de aula, ora como professor, ora como aluna. Na ocasião, tive vários professores atenciosos e competentes que me ajudaram a desbravar caminhos desafiadores. Durante a graduação, participei de seminários na área de Letras e na área de Educação. No último ano do curso de licenciatura, apresentei a minha a primeira comunicação oral intitulada “*Aos meus queridos alunos do Ciclo de Alfabetização*”³ na Faculdade de Educação da UERJ.

Em 1997 fui convidada a atuar em uma escola com alunos do primeiro e segundo segmentos. A proposta seria que eu desenvolvesse projetos no laboratório de informática. E foi assim que eu comecei a explorar outras ilhas.

3. Explorando outras ilhas

Desde a minha atuação como professora da educação básica no final dos anos 1990, eu desejava investigar como era utilizado o computador pelos professores das diversas áreas de conhecimento que trabalhavam comigo e que iam ao laboratório de informática elaborar as suas aulas e digitar as suas provas e trabalhos. Na Escola Municipal Professora Olga Teixeira de Oliveira, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, o laboratório de informática possuía 10 máquinas conectadas à internet, e uma das questões que me intrigavam como professora do laboratório de informática era por que, mesmo com os computadores conectados, os professores ainda preferiam usá-los como máquinas de escrever.

Para tentar responder a essa questão comecei a estudar softwares educativos, ambientes virtuais de aprendizagem e interfaces comunicacionais, pesquisando os usos da internet por professores que habitavam esses *espaçostempos*. Comecei este estudo interagindo como membro dessas interfaces e analisando os desenhos didáticos e situações de aprendizagem que começavam a se configurar a partir desses usos. (...) *É necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós* (p.8)

³ Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/prosaepoesia/0167.html>

Essa itinerância começou no período de 1997 a 2000, quando fui convidada a assumir o laboratório de informática da Escola Municipal Professora Olga Teixeira de Oliveira na rede pública de Duque de Caxias, onde atuava como professora alfabetizadora das séries iniciais. Participei, inicialmente, da capacitação realizada pelo Proinfo⁴ e no mesmo ano recebemos 23 computadores sem acesso à internet para serem usados no laboratório de informática educativa.

O contexto vivenciado como professora alfabetizadora da rede pública de ensino despertou em mim uma curiosidade em relação às questões da informática na educação. Lidar diariamente com problemas diversos de aprendizagem num contexto marcado por tantas carências (falta de material didático, falta de professores, infraestrutura ineficiente, falta de apoio dos pais, alto índice de evasão e repetência) conduziu-me ao desejo de conhecer novos ambientes de aprendizagem, novas possibilidades de usos nas aulas. Dessa forma, iniciei alguns trabalhos utilizando o computador e suas interfaces. No laboratório, eu já ensaiava alguns trabalhos com os alunos numa perspectiva de ouvi-los e de conversamos sobre como e o que poderíamos produzir com os computadores:



Fig. 5 A conversa antes do início das aulas no laboratório

Alguns desses trabalhos foram: a criação de softwares para crianças com as turmas do 1º ano, atividades em que, através do uso do Office5, vários jogos foram produzidos (jogo da força, jogo da memória, jogo dos pontinhos) e ocorreu a utilização de imagens e sons com os alunos

⁴ É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para o uso das máquinas e tecnologias. http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462&id=244&option=com_content&view=article. Acesso em maio de 2010.

Jovens e Adultos alfabetizando. Por meio dessas atividades criamos jornais, panfletos, rádios online e outras mídias que se multiplicaram nos *espaçostempos* da escola, ganhando força entre os alunos e professores e possibilitando que eu fosse escolhida a professora multiplicadora dos projetos de mídias que a escola organizava.

O professor multiplicador era aquele responsável por participar das capacitações nos núcleos de tecnologias do Proinfo e, uma vez por mês, repassar essas atividades aos professores da escola através de oficinas e minicursos. Nesses momentos conversávamos sobre as possibilidades e dificuldades em realizar projetos que utilizassem as mídias na escola:

Em 2001 desenvolvi meus primeiros trabalhos realizando atividades com crianças das séries iniciais com a linguagem computacional LOGO⁶ e pude observar que o uso do computador auxiliava, de forma lúdica, na aprendizagem das crianças e que elas gostavam bastante desse tipo de atividade. No entanto, somente o uso do LOGO nas aulas no laboratório não era suficiente. Eu precisava de algo mais que sustentasse as minhas angústias, agora de professora pesquisadora⁷.

No ano de 2002 nossa escola sofreu choque muito grande, e todos os 23 computadores doados pelo governo federal para o Proinfo foram roubados. Começamos, então, a buscar parcerias com empresas do terceiro setor que pudessem nos fazer uma doação, uma vez que, após utilizar o computador como recurso para aprendizagem, trouxemos novo contexto de reflexão ao grupo de professores que comigo atuavam em atividades diversificadas para nossos alunos.

Assim, ainda em 2002, recebemos 10 computadores conectados com banda larga, doação de uma empresa de telefonia, com a parceria pedagógica da Escola do Futuro da USP⁸ e da Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias.

⁵ O Microsoft Office é um pacote de aplicativos que contém programas como processador de texto, planilha de cálculo, banco de dados, apresentação gráfica e gerenciador de tarefas, e-mails e contatos.

⁶ LOGO não é só o nome de uma linguagem de programação, mas também de uma filosofia que lhe é subjacente. A filosofia surgiu dos contatos de Papert com a obra de Piaget e dos estudos sobre o problema da inteligência artificial. A visão que Papert tem do homem e do mundo situa-se numa perspectiva interacionista, sendo o conhecimento o produto dessa interação, que é centrada nas formas com que o mundo cultural age e influencia o sujeito em interação com o objeto. Ao contrário de Piaget, Papert enfatiza que aquilo que aprendemos e o como aprendemos dependem dos materiais culturais que encontramos à nossa disposição.

⁷ Em casa eu pesquisava propostas e projetos de professores que eram disponibilizados em sites da internet e compartilhava ideias e conteúdos com esses professores.

⁸ <http://linca.futuro.usp.br/blogs/olgateixeiraduque>

Fomos desafiados a envolver professores e alunos nesse novo contexto. Não se tratava de ensiná-los a manusear o computador, mas de criar um caminho para um novo tipo de produção de conhecimento que poderia ser criado a partir das necessidades do grupo local, agora conectado à grande rede: a internet. Iniciamos um trabalho de pesquisa que chamamos de “Pesquisa colaborativa na escola básica: desafios e potenciais da cibercultura”. Esse trabalho começou no primeiro semestre de 2004 e me fez refletir, como professora do laboratório de informática, que não bastava colocar computadores conectados nas escolas, pois isso não era suficiente para que transformações acontecessem nas práticas pedagógicas.

As escolas são *espaçotempos* criadores de conhecimentos, significações, cultura e informações. A articulação dessas tecnologias com outros fatores é que criaria um ambiente de aprendizagem, onde as características dos jovens da Baixada Fluminense, as proposições dos professores, o uso das diferentes linguagens e as interfaces comunicacionais da internet é que ofereceriam outros elementos para emergir, provocar e produzir conhecimento.



Fig. 6 A pesquisa colaborativa com os alunos

Começamos também a desenvolver outro projeto com os alunos jovens e adultos da escola. Por esse projeto, em 2005, recebi o prêmio Crer para Ver/Inovando a EJA, em concurso do qual participaram 189 projetos de Educação de Jovens e Adultos no país. Nossa escola ficou em 1º lugar com o projeto *EJA e Informática Educativa: Uma Proposta Significativa de Aprendizagem e Inclusão Social*⁹. Nesse projeto, o objetivo principal era utilizar as interfaces

⁹ Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/trobrecres.mmp>

comunicacionais da internet possibilitando a alfabetização de jovens e adultos, tendo em vista o seu cotidiano e a sua cultura.

Com este trabalho, os alunos de uma turma de alfabetização aprenderam a ler e escrever utilizando sites de propagandas de lojas para aprender matemática no dia a dia, sites de bancos para aprender como usá-los no seu cotidiano, o teclado para aprender o alfabeto, só que, dessa vez, com ordem inversa: a alfabetização começou pela letra *w*, para iniciar o acesso à WWW e não linearmente.



Fig. 7 A turma de jovens e adultos estudando no laboratório

Ao final do ano letivo, tivemos 100% de aprovação e nenhuma evasão nesta turma. Escrevi vários artigos para revistas e jornais em função do resultado desse trabalho na escola¹⁰. As principais dificuldades encontradas na sua realização foram as questões de inserção na escola de recursos e de investimento na qualificação de outros professores para que pudéssemos formar um grupo de trabalho e de pesquisa. Tendo em vista o custo do investimento necessário à continuação do projeto, a Secretaria Municipal de Educação resolveu acabar com as turmas de alfabetização no noturno e continuar somente atendendo ao segundo segmento. *“Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse, Queres dizer que chegar sempre se chega.”*

Com o término do projeto de jovens e adultos, começamos timidamente o trabalho com a internet com os alunos do segundo segmento e os poucos professores que desejaram participar. Dessa forma, elaboramos um projeto com blogs para que, juntamente com os nossos alunos do

¹⁰ Disponível em: <http://www.cartanaescola.com.br/edicoes/19/ao-alcance-de-todos>

segundo segmento, utilizássemos o computador e seus potenciais comunicacionais das interfaces de forma colaborativa.

Nesse trabalho, utilizamos especificamente os blogs como tecnologias de autoria e comunicação, realizando atividades de pesquisa colaborativa.

Em 2008, matriculei-me no Curso de Especialização em Educação com Aplicação da Informática (EDAI), na UERJ. No trabalho monográfico, investiguei se os usos dos blogs como tecnologias de publicação e comunicação contribuiriam para a autoria de professores e alunos da escola básica. O resultado da investigação nos revelou que os professores que tinham seus blogs publicados na rede estabeleciam trocas de informações com outros professores sobre os mais variados assuntos; outros usavam os blogs para publicar os materiais já desenvolvidos na escola; entretanto, poucos eram os professores que os utilizavam na escola juntamente com os seus alunos em projetos educativos.



Fig. 8 A minha turma de pós-graduação – EDAI 2008

Durante este trabalho de pesquisa conheci vários softwares sociais e estudei as mídias digitais, tanto na escola como no ciberespaço, como também vivenciei várias experiências formativas no Moodle nas atividades realizadas nas disciplinas do curso de especialização.

Durante este trabalho de pesquisa conheci vários softwares sociais e estudei as mídias digitais, tanto na escola como no ciberespaço, como também vivenciei várias experiências formativas no Moodle¹¹ nas atividades realizadas nas disciplinas do curso de especialização.

¹¹ Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle) é um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. A expressão designa ainda o Learning Management System (sistema de gestão da aprendizagem) em trabalho colaborativo baseado nesse programa. Disponível em: http://docs.moodle.org/pt_br/Sobre_o_Moodle

Como professora do laboratório de informática, eu trabalhava com blogs investindo em seu potencial comunicacional, utilizando-os com os professores e alunos em atividades significativas de aprendizagem e me interessava investigar se esses usos interferiam nas práticas escolares dos professores que navegavam no ciberespaço.

Em 2009 ingressei no Grupo de Pesquisa Docência na Cibercultura (GPDOC)¹², ainda aluna do curso de especialização. Ao concluir o curso, continuei no GPDOC como pesquisadora voluntária, quando pude aprofundar meus conhecimentos sobre os fundamentos da cibercultura, redes sociais, Web 2.0, ambientes virtuais de aprendizagem, pesquisa-formação e epistemologia da multirreferencialidade, conhecimentos contribuíram decisivamente para a minha atuação como professora e para a delimitação do meu objeto de pesquisa nos estudos que se iniciariam com a entrada no mestrado em 2010.



Fig. 9 GPDOC: Grupo de Pesquisa em Docência e Cibercultura

Durante o tempo em que fui aluna do curso de pós-graduação e integrante do GPDOC, pude vivenciar diversos procedimentos de pesquisa: cineclube¹³, eventos, seminários, entrevistas, defesas de teses e participar de práticas pedagógicas no ambiente virtual de aprendizagem¹⁴. Um dos trabalhos destacados foi “*Projetos de Aprendizagem Colaborativa com*

¹² Coordenado pela professora Edméa Santos, GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura pesquisa e desenvolve estudos e projetos sobre a docência na contemporaneidade e as práticas e processos da cibercultura, em especial a educação online e os processos de ensino e aprendizagem. Procura trazer ao debate o estudo das redes e sua aplicabilidade para a investigação dos fenômenos sociotécnicos e culturais mediados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação e suas implicações para os processos de aprendizagem e docência.

¹³ Cineclube é um encontro presencial no laboratório de informática, em que ministramos aulas e desenvolvemos nossas atividades no GPDOC. O espaço nem de longe simula uma experiência semiótica vivenciada numa sala de cinema. As narrativas cinematográficas são expostas pelo suporte do aparelho de DVD em conexão com um aparelho de TV de 29”

¹⁴ <http://www.saladeaulainterativa.pro.br/moodle/>

o *Uso do Computador*” na XII Semana de Educação em 2008 na UERJ. Neste trabalho desenvolvido com alunos do 6º ao 7º ano de escolaridade criamos projetos de aprendizagem colaborativa com o uso do computador.

Outro trabalho importante foi “*A produção colaborativa de textos em ambientes virtuais de aprendizagem*”. Apresentado no Seminário: Os outros como legítimo OUTRO em 2009, também na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Este artigo destacou os ambientes virtuais de aprendizagem como tecnologias de publicação e comunicação que utilizam a interação entre as pessoas para promover a aprendizagem colaborativa, a construção e socialização do conhecimento que apontam para as possibilidades de sua utilização pedagógica, breve histórico e principais características dos wikis e blogs como ambientes de conversação e aprendizagem colaborativa para alunos e professores¹⁵.



Fig. 10 Apresentação do artigo no Seminário: Os outros como legítimo OUTRO

Mas, foi durante o meu mestrado que tive várias publicações, três merecem destaque. A primeira delas é intitulada “*Os usos dos professores das mídias digitais e softwares sociais: potenciais comunicacionais*”. Nele, investigamos os usos os professores fazem das mídias digitais e dos softwares sociais. O objetivo era investigar se esses usos influenciam suas/nossas ações no/do cotidiano da escola, atuando diretamente nas suas atividades, nas suas práticas, nos seus discursos, dessa forma, dialogamos com os praticantes inseridos na escola e nas interfaces online dos ambientes de aprendizagem contidas no ciberespaço produzem conhecimento. Este trabalho foi apresentado XI Congresso Internacional Galego-português de

¹⁵ <http://www.educacao.uerj.br/SemanaEducacao2008/Trabalhos/arq234.pdf>

Psicopedagogia em 2011, Coruña na Espanha.

O trabalho: “*Pensando com e sobre as imagens: uma convergência entre cinema e blog no contexto de uma pesquisa-formação multirreferencial*” relatou uma atividade formativa que buscou fazer a convergência entre o uso do cinema em situações de aprendizagem presenciais e a vivência em um blog (<http://formacaocineclub.wordpress.com>) no contexto da pesquisa-formação “*Docência na cibercultura: computadores móveis, laboratórios de informática e educação online*”.

Nesse trabalho apresentado na ABCIBER (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura) em 2011, mostramos que desde o ano de 2008 desenvolvemos junto aos professores-tutores do curso de Pedagogia a Distância e os integrantes do GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, atividades formativas que procuram integrar contextos da universidade, da escola básica e da docência online com experiências mediadas por mídias digitais em rede.

Outro artigo foi “*Caiu na rede é peixe: o currículo no contexto das redes sociais*”. Este texto, escrito em parceria com uma integrante do nosso grupo de pesquisa, foi parte da sua pesquisa institucional “*A cibercultura na era das redes sociais e da mobilidade: novas potencialidades para a formação de professores*”. O trabalho procurou investigar os usos que professores e alunos fazem do software social *Facebook* e como estes vêm afetando a relação professor aluno dentro e fora da escola.

4. Rumo a novas rotas

Em novembro de 2011, defendi a dissertação “*A tessitura do conhecimento via Mídias Digitais e Redes Sociais: itinerâncias de uma Pesquisa-formação multirreferencial*”, sob a orientação da professora Edméa Santos. O estudo buscou compreender como os professores vêm utilizando as mídias digitais em rede. Constatamos a emergência e a interconexão de práticas, narrativas e aprendizagens mediadas na e pela cibercultura.

Para tanto, dialogamos com as abordagens da pesquisa-formação multirreferencial (Arduino, Macedo e Santos) e com as pesquisas nos/dos e com os cotidianos (Certeau, Alves, Oliveira). Utilizamos uma bricolagem de dispositivos¹⁶ baseada em conversas presenciais e online (ambiente Moodle, via metodologia WebQuest interativa) no contexto formativo da

¹⁶ O conceito de dispositivo utilizado por nós é baseado em Arduino. Para o autor, dispositivo é “uma organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (ARDOINO, 2003, p. 80).

disciplina "Informática na Educação" do EDAI - Curso de Especialização em Educação com Aplicação da Informática - da Faculdade de Educação da UERJ. Além do ambiente Moodle dialogamos com os praticantes via imersão nas mídias e redes sociais da internet (Orkut, Twitter, YouTube, Blogger).



Fig. 11 A defesa do Mestrado

Iniciamos este trabalho com muitas questões e muitas outras surgiram a partir dele. Pudemos perceber que há professores experimentando em sala de aula novas formas de ensinar e aprender e nessas novas formas estão os usos dos softwares sociais e das mídias digitais *dentrofora* da escola.

Muitos professores estão na internet compartilhando esses usos como membros nas redes sociais e, embora, seja muitas vezes uma expressão individual de um ou outro professor, essas práticas refletem a necessidade que eles sentem de ressignificar suas aulas e seus conteúdos, tornando-os interessantes e significativos, a partir dos recursos digitais viabilizados pela internet, conjugando o cenário sociotécnico e as redes educativas na/da cibercultura.

Nesta pesquisa procuramos apresentar como, no cenário sociotécnico da cibercultura, as tecnologias de informação e comunicação potencializaram os *espaçostempos* de convivência e aprendizagem. Procuramos mapear as principais características da cibercultura e as mudanças dos processos comunicacionais, culturais, políticos, sociais e principalmente as mudanças e possibilidades que emergem desses usos na educação.

5. Criando outras redes

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. (Kirst, Giacomel, Ribeiro, Costa, & Andreoli, 2003, p. 91)

Após a conclusão do mestrado, envolvi-me com a publicação de diversos artigos como: “*A pesquisa-formação multirreferencial: narrando o vivido em busca dos sentidos contemporâneos*,” apresentado no XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino em 2012. Este trabalho investigou como os professores vêm utilizando as mídias digitais em rede nos diversos *espaçotempos* ciber culturais. Constatamos nas narrativas dos professores a busca pelos sentidos contemporâneos mediados na e pela cibercultura.

Dentre as publicações destaco também: “*Docência na cibercultura: possibilidades de usos dos REAs*”. Este artigo internacional foi publicado pela Open University¹⁷, nele, discutimos no contexto da docência na cibercultura, mediados pelas redes sociais e pelos dispositivos móveis a relação docente/aprendente a partir da intencionalidade pedagógica refletida nos Recursos Educacionais Abertos. Procuramos articular REAs e docência, de tal forma que fosse possível: a) Compreender os potenciais das tecnologias digitais e das redes sociais para a formação docente; b) Arquitetar e planejar conteúdos e situações de aprendizagem com REA's.

Outra publicação importante de 2012 é “*Pesquisando nos cotidianos da cibercultura: uma experiência de pesquisa-formação multirreferencial*” que será apresentado na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) este ano. Nesta pesquisa procuramos apresentar como no cenário sociotécnico da cibercultura as tecnologias de informação e comunicação potencializaram os espaços de convivência e aprendizagem. Procuramos mapear as principais características da cibercultura e as mudanças dos processos comunicacionais, culturais, políticos, sociais e principalmente as que emergem desses usos na educação.

Percebemos durante esta pesquisa que os professores pesquisam e vivenciam a pesquisa-formação multirreferencial em suas redes educativas e se adiantam a pesquisar, estudar práticas *dentrofora* da escola, como no exemplo das narrativas dos professores-cursistas citados neste trabalho. Há professores experimentando em sala de aula novas formas de ensinar e aprender e

que vivenciam outras possibilidades de leituras e escritas utilizando as redes sociais e dinamizando aulas significativas com seus alunos. (...) *mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não sai de ti, não chegas a saber quem és...*(p.40)

6. Considerações finais

O des-descobridor também se faz na descoberta... Na ilha, com os pés fincados em suas areias. É só assim, a ilha é dada a conhecer, só assim... Às vezes sair dela é preciso. Navegar por outros mares: negar a ilha, negá-la. Só assim se é des-descobridor da ilha.(p.16)

Este memorial apresentou de forma discursiva, circunstanciada e numa perspectiva crítico-reflexiva uma análise das atividades acadêmicas que venho desenvolvendo ao longo do meu período de formação e de atuação profissional. São destacados os elementos constitutivos dessa itinerância, processos fundamentais para a sua dinâmica e que acabaram servindo como referências para o universo de possibilidades em termos de novas perspectivas de outras formações e de outras atuações. Quem forma, se forma e forma o outro em suas vivências.

Pretendo no doutorado desenvolver uma pesquisa que seja possível compreender os potenciais das tecnologias digitais e das redes sociais para a formação docente, especificamente no Ensino Superior. Pretendemos planejar e produzir conteúdos e situações de aprendizagem atuando nas redes educativas para pensar rede do ponto de vista das pesquisas dos cotidianos, das práticas e da própria pesquisa acadêmica.

Como educar em nosso tempo com as tecnologias digitais em rede será um dos nossos desafios. Precisaremos repensar os currículos em tempo de cibercultura e as novas potencialidades comunicacionais e educativas. Precisaremos discutir com outros praticantes nas diversas redes educativas. Uma das possibilidades é a potencialização de uma formação continuada articulada com seus pares, dando espaço para a reflexão conjunta sobre suas práticas.

¹⁷ Disponível em: http://oer.kmi.open.ac.uk/?page_id=1173

Referências

ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3. ed. Petrópolis: DP & A, 2008.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

KIRST, P. G., Giacomel, A. E., Ribeiro, C. J. S., Costa, L. A. & Andreoli, G. S. (2003). Conhecimento e Cartografia: tempestade de possíveis. In T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Orgs.), *Cartografias e devires: a construção do presente* (pp. 91-103). Porto Alegre: Editora da Universidade.

SARAMAGO, J. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Termo de compromisso

Declaro que todas as informações contidas neste memorial são de minha inteira responsabilidade.

Rio de Janeiro, ____ de _____, 2012.

Rosemary dos Santos